

EÇA E AS RIQUEZAS DO BRASIL

Uma história antiga

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA

Não é de hoje que as grandes potências consideram o Brasil incapaz de cuidar de seu território e de suas imensas riquezas naturais. No século passado impressionante reportagem na primeira página em "The Times", maior jornal inglês, despertou interesse em toda a Europa, com evidente repercussão na Corte, no Rio de Janeiro.

Ao contrário do que ocorre hoje com a Amazônia — que não se quer ver explorada —, naquela época a preocupação estrangeira era com "a desapontadora magreza dos resultados advindos da grandeza dos recursos do Império do Brasil". Complementando esta observação, assinala a matéria: "Doze milhões de homens estão perdidos num Estado maior que toda a Europa: a receita pública, que é de doze milhões de libras esterlinas, é muitos milhões inferior à da Holanda e à da Bélgica. Com uma linha de costas de quatro mil milhas e uma largura de duas mil e seiscentas milhas, o Brasil exporta em valor de gêneros a quarta parte menos que o diminuto reino da Bélgica."

Mais adiante, para compor a embutida tese intervencionista, critica o jornal londrino a ambição dos brasileiros de fazerem tudo por si mesmos, vendo com aborrecimento as grandes obras entregues à perícia estrangeira, ainda quando eles falham, custando ao País milhões perdidos. Porém, observa a contradição existente entre este sentimento dos brasileiros e a sua aversão "em agarrar o cabo da enxada, ou tomar a rabiça do arado, que é justamente o serviço que a natureza reclama dele".

E, completando o raciocínio, afirma: "Italianos, alemães, negros estão sendo importados para fazerem o trabalho duro que

repugna aos senhores do solo. O brasileiro, ou tem de trabalhar por suas mãos ou então largar a rica herança que é incompetente para administrar".

A defesa do Brasil, na ocasião e na própria imprensa européia, brilhante e à altura, foi feita, nada mais nada menos, pelo célebre escritor e jornalista português Eça de Queiroz. Em seu livro "Cartas da Inglaterra", pouco conhecido entre nós, Eça, indignado com a impertinência britânica, registra o acontecimento comentando-o com observações oportunas e mordazes, como do seu estilo. Embora admitindo não ter autoridade para apreciar as contundentes revelações feitas, por nunca ter visitado o Império, o escritor ironiza o destaque dado à matéria dizendo que "elas encham, no 'Times', vasto como é, mais espaço que o próprio Brasil ocupa na América do Sul".

Para justificar a tese, já no embrião, àquela época, segundo a qual, com o tempo, "todos os grandes recursos da América do Sul entrarão no patrimônio da humanidade", ressalta o jornal que a civilização não poderá permitir que tão ricos solos permaneçam estéreis e inúteis. Mais adiante, ao reiterar a absurda proposição, afirma que os países sul-americanos "atuais ocupantes do solo terão gradualmente de desaparecer e descer àquela condição inferior que o fraco temperamento lhes marca como destino". Falando especificamente sobre o Brasil, prevê o "Times" que "terá de escolher entre semelhante futuro ou então o trabalho, o duro esforço pessoal, contra o qual tem se rebelado". Eça, ao reclamar da "ferocidade" dessas afirmações e negras previsões — felizmente não concretizadas — aduz que "nunca se escreveu nada tão ferino". Ful-

minando esses abusivos comentários do periódico londrino, o escritor foi violento: "É o sistema de expropriação por utilidade da civilização. Teoria favorita da Inglaterra e de todas as nações de rapina..."

Porém, reconheceu a "autoridade formidável" do maior jornal europeu da época, como formador da opinião pública da Inglaterra e do Continente. Por essa razão, diz ele, não podia deixar de recolher suas palavras e procurar restabelecer a verdade. No final do seu artigo, Eça de Queiroz chega a se desculpar da veemência empregada na defesa da causa brasileira, reconhecendo que "por vezes, nestas linhas, fui menos reverente com o 'Times'".

Como se verifica, há cem anos, o Brasil era acusado de não explorar suas riquezas naturais. Quando, afinal, se dispõe a aproveitar racionalmente — em seu próprio benefício — as invejáveis reservas da Amazônia, levantam-se, outra vez, as grandes potências com novas ameaças de inaceitável interferência em assuntos territoriais, da exclusiva alçada dos brasileiros. Com os antecedentes lembrados, soa estranhamente essa idéia de "renúncia parcial de soberania" para países como o Brasil, agora apregoada pela França no bojo de proposta para criação de uma autoridade internacional para o meio ambiente.

Contudo, essa enorme celeuma internacional em torno da Amazônia talvez sirva, não só para unir todos os brasileiros na preservação do seu território, como também para alertar o Governo sobre a grave e intransferível responsabilidade que lhe cabe de evitar as execráveis queimadas e derrubadas ilegais de florestas.